



Prof. Dr. Roberto Zatz

R.M: Prof., o Sr. realizou a sua graduação na FMUSP no ano de 1967 à 1972. O que o Sr. achou da sua Graduação e quais as mudanças que ocorreram do seu curso para o curso atualmente?

Prof. Zatz: Na época em que eu estava na faculdade eu achava o curso de Graduação muito ruim. Era desmotivador, chato, árido, tinha poucas matérias que realmente empolgavam a gente. Alguns alunos, é claro, que já vinham com a idéia de seguir uma determinada especialidade não achavam tão ruim. Para quem estava indiferenciado como eu; a maioria; tinham matérias que eram insuportáveis. A gente sentia falta de determinadas matérias como Fisiologia. Eu só tive um ano de fisiologia e só, não falava mais depois. Nunca mais se repetia o conceito no contexto da doença, da disfunção. É claro que eu estou falando dessa matéria especificamente, pois é a matéria que mais me interessa hoje, é a matéria que eu coordeno na parte de Nefrologia na Graduação. Mas outras também, Farmacologia era difícil, mesmo Anatomia era muito mais difícil do que hoje, não tínhamos recursos. Não havia uma preparação do aluno para o que ele ia encontrar depois, que é o doente que chega no ambulatório, no consultório e diz “eu to com dor nas costas, e estou com uma dorzinha de cabeça”. A gente aprendia as coisas mais complicadas e tudo, mas quando chegava alguém com dor nas costas a gente “entrava em parafuso”, porque a gente não tinha aprendido como lidar e encaminhar um caso desses ou que raciocínio se faz. Agora volta para a segunda parte da pergunta. Como eu vejo isso hoje, o que mudou? Algumas coisas mudaram, com certeza.

Primeiro mudaram os recursos técnicos, recursos que não existiam na época, hoje estão à disposição. O nível de tecnologia audiovisual, o uso de computador, internet, por exemplo. Fazer pesquisas bibliográficas de qualquer assunto é muito mais fácil hoje, tem um mundo à disposição. Na Anatomia, por exemplo, tem o recurso dos cortes, como se fosse uma tomografia que vocês estudam no primeiro ano. A gente estudava com peça de cadáver, em formol, dissecava e era aquilo lá. Mudou muito a mentalidade nos últimos 30 e tantos anos, da época que eu fiz a Graduação à hoje. Na época era muito comum a gente ouvir dizer que Medicina era para decorar tudo. Tinha que decorar tudo “não discuta, conforme-se”. Hoje essa mentalidade já não existe ou pelo menos não tem tanta força. Existia a idéia de que Estatística, ou qualquer coisa que “cheirasse” a Matemática era estranho ao universo da Medicina, inclusive Epidemiologia era uma coisa que não era muito bem vista. Era uma coisa nova na faculdade e hoje em dia é parte importante dentro do curso, inclusive da grade curricular. A idéia de que a gente precisa prestar atenção na condição social do doente também era estranha na faculdade, era vista como coisa de comunista. Hoje em dia têm-se essa mentalidade de que a doença não é simplesmente um órgão que funciona mal e você dá um remedinho e sara, é algo mais complexo. Tudo isso foi mudando com o tempo, e eu diria também que existem matérias que não existiam na época como, por exemplo, Fisiopatologia e Bases Fisiológicas da Prática Médica, que foi um avanço, uma conquista ao longo desse tempo.

⁽¹⁾ Prof. Titular do Departamento de Ciências Médicas, Disciplina de Nefrologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência: e-mail: rzatz@usp.br

R.M.: E o Sr. participou de algum projeto acadêmico durante sua Graduação, como Centro Acadêmico, Atlética ou Departamento Científico?

Prof. Zatz: Eu tinha, como muita gente da minha turma, e das outras turmas também, uma participação política. Em 1968 eu estava no segundo ano. Havia muita efervescência e muita manifestação, movimento estudantil muito ativo, muito protesto, muita passeata, assembléia. Eu participava disso. Dentro da Faculdade eu era próximo da Diretoria do CAOC e das sucessivas Diretorias. Havia o grupo de teatro que eu era próximo, mas não participei. A Atlética era considerada coisa da Direita assim como o Show Medicina. Então a minha participação no movimento estudantil me limitava a participar dessas atividades.

R.M.: E o que o Sr. achou de ser o Presidente de Honra do Congresso Médico Universitário, o COMU?

Prof. Zatz: Achei uma honra.

R.M.: E qual a importância da participação de estudantes em Congressos Médicos?

Prof. Zatz: Bem, a pergunta talvez devesse ser se estudantes devem participar de Congressos Médicos e qual deve ser a participação deles. Eu acho que quanto mais cedo o estudante se vir exposto a esse tipo de atividade melhor. Nos Congressos Médicos o estudante, ou qualquer outra pessoa, que tem algum conhecimento na área, que participe ou assista aos debates vai perceber algo que é importante perceber desde cedo. Que existe muita controvérsia. Muitas das coisas que os alunos gostariam que fossem verdades estabelecidas, na verdade são temas abertos, são polêmicas que não se resolvem assim. O Congresso também traz, evidentemente, o que há de mais recente, os últimos desenvolvimentos, as últimas idéias, estudos, pesquisas, ou como falamos mais recentemente, diretrizes. Agora é preciso ver sobre o outro aspecto, o outro lado da questão, que para você entender inclusive as polêmicas, você precisa ter alguma formação, e nem sempre vai ser possível alguém que está no 2º, 3º ou 4º ano entender tudo que está em jogo ali. Mesmo os profissionais, gente inclusive de área de pesquisa não vai a todas essas Conferências, vão às Conferências relativas à sua área.

R.M.: Como foi a experiência de fazer o Pós Doutorado em Harvard?

Prof. Zatz: Eu diria o seguinte, tem dois aspectos básicos aí. Primeiro é de ir para uma Universidade no exterior, uma Universidade de prestígio, com um peso acadêmico, com uma carteira de Prêmios Nobel, currículo de grandes conquistas na área acadêmica e

tudo mais. É uma experiência única, que até hoje não é possível ter aqui. Uma concentração tão grande de cérebros. O alcance do que eu fiz lá foi muito maior do que eu poderia imaginar ou poderia conseguir se tivesse ficado aqui o tempo todo. O segundo aspecto é o de que quem vai para uma Universidade dessas num país desenvolvido participa realmente da vida acadêmica, mas também presta atenção na vida do país. Não só naquilo que acontece na Universidade, no ambiente de trabalho, mas está com olhos e ouvidos atentos para o dia a dia, não só para política, ou para o que sai na televisão ou nos jornais. Nunca mais consegue voltar, no sentido figurado da palavra voltar. Você volta e começa a ver com outros olhos o que acontece na sua casa e compara com o que vê lá fora. O que acontece na sua casa lhe parece muito mais intolerável, porque lá fora não acontece. Você vê que as coisas podem funcionar bem, muito melhor do que funcionam aqui, mas não funcionam porque a cultura é outra, têm maus hábitos arraigados. Não é fácil mudar hábitos arraigados na cultura do país, mas é um processo irreversível, você não consegue voltar. Não consigo falar que voltei e esqueço, você nunca mais esquece a experiência que teve lá fora. Fica aquele quase vício, mesmo você sabendo que é inútil, que a luta é muito desigual, você procura fazer o possível para fazer com que as coisas funcionem como você viu lá fora.

R.M.: Uma última pergunta Prof. Por quê o Sr. escolheu a Nefrologia como especialização?

Prof. Zatz: Eu escolhi a Nefrologia porque durante a Graduação a Fisiologia foi a matéria que eu gostei mais. Era a matéria que era transmitida para os alunos de uma maneira, pelo menos sob o meu ponto de vista, mais aberta, mais clara e me interessava muito porque eu gostava muito de fenômenos físicos aplicada a sistemas biológicos. Gostava muito de Química e Física, então Fisiologia era o que atendia melhor a esse tipo de preferência. Dentro da Fisiologia a área que eu mais gostava era Fisiologia Renal, exatamente porque era onde eu via mais aplicação de fenômenos físicos. Na área de transporte de solutos, filtração glomerular, é tudo física aplicada. Acabei fazendo essa opção cedo ainda. No segundo ano tive Fisiologia, depois tive Propedêutica, como se tem até hoje, e no 4º ano tive Nefro. A gente passava um mês na Nefrologia. Passava cinco dias como vocês passam hoje e aí era aplicação daquelas coisas, eu vi assim, não que o curso fosse orientado dessa maneira. Hoje a gente procura com que o curso seja orientado assim. O 4º ano ecoa um pouquinho do 2º. Abre porta para a visão da especialidade, Nefrologia dentro de Clínica Médica. Você vai ver o doente e pensar que ele está inchado, retendo sódio, por causa daquelas coisas que você aprendeu no 2º ano.